

Lazer e participação de homens em grupos de convivência para idosos de Florianópolis (SC): motivações e significados

Leisure and men's participation in elderly groups of Florianópolis (SC): reasons and meanings

Priscila Mari dos Santos
Alcyane Marinho
Giovana Zarpellon Mazo
Tânia Rosane Bertoldo Benedetti
Cíntia de la Rocha Freitas

RESUMO: Objetivando analisar o lazer e a participação de homens em cinco Grupos de Convivência para Idosos (GCI) de Florianópolis (SC), quanto aos motivos de ingresso e permanência, às relações interpessoais que estabelecem, e aos significados que eles atribuem a sua participação, realizou-se uma pesquisa descritiva exploratória e qualitativa. Participaram 38 homens. Utilizaram-se entrevistas e observações. Os homens buscam os GCI para preencher o tempo com atividades de lazer e relações sociais. Os motivos de permanência centraram-se nas amizades. Múltiplos significados foram atribuídos à participação nos GCI.

Palavras-chave: Idoso; Homens; Atividades de lazer.

ABSTRACT: *This survey was carried out in order to analyze leisure and participation of older men in five Elderly Groups of Florianópolis (SC). Issues of Elderly men entrance, remain, established relationships with other group members, and the meaning they give to their participation were evaluated. Thirty eight men participated in the study. Interviews and observations were used. Men seek the groups for leisure and social relations. The reasons for remaining were focused on friendships. Multiple meanings were attributed to participation in the groups.*

Keywords: *Elderly; Men; Leisure activities.*

Introdução

Nas últimas décadas, os idosos passaram a ser foco das discussões sobre políticas públicas e novas formas de lazer, haja vista sua representatividade cada vez maior na sociedade (Debert, 1999; 2013). No Brasil, existem mais de 23,5 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade, representando 12,6% da população. Além disso, há maioria de mulheres na população (55,7%), inclusive no segmento de idosos (IBGE, 2011; 2013), implicando na participação distinta entre os sexos nas várias esferas da vida social. Considerando a esfera do lazer, no caso dos homens, parece haver mais dificuldades de adaptação à saída do mercado de trabalho, associadas à maior resistência para o envolvimento em atividades extradomésticas, especialmente naquelas que pressupõem a participação em grupos (Camarano, Kanso, & Mello, 2004).

Os Grupos de Convivência para Idosos (GCI) são importantes exemplos de espaços que têm se deparado com a baixa participação de homens, seja pela priorização de atividades que não atendem aos seus anseios; pela presença expressiva de mulheres, frequentemente atribuída à tendência histórica e cultural de maior procura delas por vivências no lazer na terceira idade; e/ou pela falta de estímulo e participação do poder público nessas questões (Brod, 2004; Kist, 2011; Mazo, 2003). Em âmbito nacional, esses grupos surgiram no final da década de 1970, por iniciativa do Serviço Social do Comércio de São Paulo (SP), com o intuito de preencher o tempo “livre” de aposentados com atividades no lazer.

Contudo, eles só se disseminaram pelo país a partir da Política Nacional do Idoso (PNI), em 1994, que, com a meta de evitar a institucionalização do idoso, incentivou a abertura de espaços para a sua convivência na comunidade, por meio de atividades propulsoras da integração social, as quais também atendem a determinados interesses no lazer (Brasil, 1994; Mazo, 2003; Mazo, Lopes, & Benedetti, 2009).

Em Florianópolis (SC), os GCI surgiram mediante parcerias entre a Prefeitura e órgãos nacionais ligados à assistência social no final de 1970, mas foi também a partir da PNI que eles se expandiram pela cidade (Araújo, 2004; Rollin, 1998). Conforme levantamento realizado por Santos, & Marinho (2014), há 103 GCI ativos, vinculados à Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), envolvendo 4.275 participantes (3.976 do sexo feminino e 299 do sexo masculino), com quantidade absoluta maior de mulheres que a de homens em todos os grupos.

Existem vários estudos realizados em GCI no Brasil (Britto da Motta, 1999; Brod, 2004; Kist, 2011; Silva, Caminha, & Gomes, 2013) e, especificamente, em Florianópolis (SC) (Araújo, 2004; Lopes, 2012; Mazo, 2003; Rollin, 1998). Contudo, são poucos aqueles que fizeram considerações sobre o lazer nesse contexto, mesmo que indiretamente, e/ou que direcionaram o olhar para os homens integrantes desses grupos (Borini, 2002; Brod, 2004; Kist, 2011; Vargas, & Portella, 2013). Nesse sentido, parece haver necessidade de focalizar os diferentes fatores envolvidos na participação de homens idosos neste âmbito.

Dadas as possibilidades de exercício da sociabilidade e de acesso às diferentes vivências no lazer que a maioria dos estudos mencionados no parágrafo anterior elucidaram, cabe questionar e aprofundar as questões, envolvendo a participação de homens idosos nesses espaços. No município de Alpestre (RS), especificamente na comunidade rural de Farinhas, por exemplo, Vargas, & Portella (2013) identificaram um GCI com quantidade de homens maior que de mulheres, impulsionando-os a investigar os fatores determinantes para a participação masculina no grupo em questão e o significado disso em suas vidas, proposta similar a que será apresentada neste trabalho. Em Florianópolis (SC), embora as mulheres sejam maioria em todos os GCI, alguns desses grupos apresentam proporção de homens (em relação à quantidade total de integrantes) um pouco mais elevada, quando comparada à proporção de homens de outros GCI localizados em uma mesma Região da cidade (Santos, & Marinho, 2014). Portanto, há alguns espaços nos quais a participação masculina é um pouco mais expressiva, sendo merecedores de investigação.

Nessa perspectiva, este estudo¹ objetivou analisar o lazer e a participação de homens em GCI de Florianópolis (SC), quanto aos motivos de ingresso e de permanência, às relações que eles estabelecem com os demais integrantes dos GCI, durante a vivência das atividades desenvolvidas, e aos significados que eles atribuem a sua participação nesses espaços.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva exploratória (Marconi, & Lakatos, 2007), com abordagem qualitativa dos dados (Minayo, 2013).

Foram selecionados cinco GCI de Florianópolis (SC) a partir do levantamento da quantidade de participantes nos 103 GCI cadastrados na SEMAS da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF), por meio de contato telefônico com os coordenadores, em abril de 2014 (Santos, & Marinho, 2014).

Foi escolhido um GCI de cada Região da cidade (Centro, Norte, Sul, Leste e Continente) que apresentou maior proporção de participantes do sexo masculino em comparação aos demais grupos localizados em uma mesma Região.

Foram convidados a participar da pesquisa todos os idosos do sexo masculino, integrantes desses cinco GCI, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ter 60 anos ou mais de idade; integrar um dos grupos há, pelo menos, um mês; e estar frequentando os encontros do GCI no período de coleta de dados. Foi estabelecido como critério de exclusão: idosos com deficiências intelectuais ou problemas de saúde que impossibilitassem a participação nas entrevistas. Atenderam aos critérios de inclusão 38 homens idosos, sendo que todos aceitaram participar voluntariamente da investigação. A média de idade deles foi de $69,6 \pm 13,4$ anos.

A Tabela 1 apresenta o número total de participantes (homens e mulheres), de homens e de homens idosos selecionados para participar do estudo, dos cinco GCI de Florianópolis (SC) eleitos para esta pesquisa.

¹ Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado, a qual objetivou investigar se GCI em Florianópolis (SC) constituem-se em possíveis espaços de lazer para homens idosos.

Tabela 1 - Número total de participantes (homens e mulheres), de homens e de homens idosos selecionados para participar do estudo, dos cinco GCI de Florianópolis (SC) eleitos para esta pesquisa

Região GCI	Participantes (homens e mulheres) nos GCI (f)	Homens nos GCI	
		Homens nos GCI (f)	Homens Selecionados (f)
Centro	24	11	10
Norte	48	8	6
Sul	56	9	8
Leste	39	7	5
Continente	27	11	9
TOTAL	194	46	38

Fonte: autoria própria (2014). f: frequência

Os GCI deste estudo apresentam as seguintes características: foram criados na década de 1990, com exceção do GCI - Leste, fundado em 2005. Os GCI do Centro e do Continente foram formados exclusivamente por casais e criados com auxílio de instituições privadas, sendo que o primeiro ainda mantém esse auxílio, tendo sido idealizado por uma fundação voltada ao atendimento de bancários aposentados. Os cinco GCI recebem apoio da PMF, destacando-se o fornecimento mensal de um kit lanche.

Os encontros ocorrem semanalmente em quatro grupos, sendo que os participantes dos GCI das Regiões, Norte, Sul e Leste reúnem-se no período vespertino, tendo como principais atividades jogos de bingo e lanches coletivos. Essas também são as atividades prioritárias do GCI - Continente, que realiza seus encontros quinzenalmente nos períodos matutino e vespertino. No GCI - Centro, os idosos realizam atividades como jogos de cartas e dominó, leituras de jornais, revistas e livros, e lanche, nos períodos vespertino e noturno. Em todos os GCI, são realizadas atividades turísticas (passeios e viagens), custeadas com mensalidades pagas pelos participantes e com recursos oriundos dos bingos, rifas e de outras atividades promovidas eventualmente para esse fim.

A diretoria é formada pelos próprios integrantes dos grupos. Assim, não há profissionais de qualquer área conduzindo as atividades desenvolvidas. Em todos os GCI, há ao menos um coordenador, um vice-coordenador, um tesoureiro e um secretário. Os representantes são eleitos por meio de votação.

Nos dois GCI formados por casais (Centro e Continente), a direção é exercida por um participante do sexo masculino, enquanto nos demais grupos (Norte, Sul e Leste), a coordenação é representada por uma integrante do sexo feminino. Mesmo que todos os GCI sejam destinados aos idosos, há alguns participantes com menos de 60 anos de idade, os quais desempenham, principalmente, a função de voluntários.

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CEPSH n.º 701.064 de 26/06/2014) da Universidade do Estado de Santa Catarina, iniciou-se a coleta de dados, a qual compreendeu os meses de julho, agosto, e setembro de 2014. Esses dados foram obtidos por meio da combinação de entrevistas e observações.

A técnica de observação, empregada como instrumento de coleta de dados, caracterizou-se como sistemática, não participante, e realizada no contexto real de presença do fenômeno (Lakatos, & Marconi, 2007).

Optou-se por uma matriz de observação, organizada em um quadro com linhas e colunas, representando alguns temas da pesquisa originária deste estudo (neste trabalho, destacam-se especialmente as relações que os homens estabelecem com os demais integrantes dos GCI), mas permitindo liberdade à pesquisadora nas anotações e também para registros complementares externos a esse sistema de grade, realizados em um diário de campo (Gil, 2008).

As observações foram realizadas nos cinco GCI, durante quatro encontros consecutivos de reunião dos participantes. Após esse período, os homens idosos que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos neste estudo foram convidados a participar individualmente da entrevista, nos mesmos dias e locais de encontro de cada grupo, porém, em um espaço reservado. Todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Essa entrevista foi elaborada por meio de um roteiro semiestruturado (Minayo, 2012), constituído por questões básicas que permitiram explorar, entre outras temáticas envolvidas na pesquisa mais ampla que originou o presente estudo, os motivos de participação (ingresso e permanência) dos homens nos GCI (por meio de perguntas, por exemplo: "Como o senhor começou a participar deste grupo?"; "Por que o senhor continua participando deste grupo?"); e os significados atribuídos à participação nesses espaços ("O que este grupo significa para o senhor?"), além de algumas características dos participantes (data de nascimento, estado civil, escolaridade, profissão, ocupação atual e tempo de participação no GCI).

Para o registro das entrevistas, foi utilizado um aplicativo gravador de áudio instalado no celular da pesquisadora principal.

Os depoimentos dos participantes foram transcritos na íntegra pela mesma pesquisadora, e cada entrevistado recebeu um nome fictício. Na sequência, as transcrições foram editadas conforme orientações de Duarte (2004), corrigindo-se, principalmente, repetições, vícios de linguagem e erros gramaticais. Por fim, as entrevistas transcritas foram entregues aos participantes para que eles pudessem alterá-las, caso julgassem necessário, a fim de validar seu conteúdo.

As informações coletadas foram tratadas por meio da técnica de análise de conteúdo categorial, na modalidade temática, sistematizada em três etapas principais: 1) pré-análise (transcrição das entrevistas; digitação das informações registradas na matriz de observação sistemática e no diário de campo; organização dos dados; e leitura compreensiva, sendo possível identificar respostas e registros mais frequentes, assim como vislumbrar divergências e convergências); 2) exploração do material (análise propriamente dita, sendo codificadas unidades de registro (temas) em categorias de análise inicialmente estabelecidas para a pesquisa mais ampla - dentre as quais, estavam as categorias com resultados a serem apresentados neste estudo: motivos de participação (ingresso e permanência) dos homens nos GCI, significados atribuídos à participação no grupo, e relações interpessoais nos GCI - e, 3) tratamento dos dados e interpretação (descrição dos resultados e inferência, atingindo os objetivos propostos e, até mesmo, desvelando outras informações) (Bardin, 2009). Para a concretização dessas etapas, foram utilizados os recursos do *software Qualitative Solutions Research Nvivo*, versão 9.2.

Resultados e discussão

Dentre os motivos que levaram os homens idosos a ingressar nos GCI investigados, tornou-se evidente que muitos procuram esses espaços para preencher uma parte do seu tempo “livre”, ampliado após a saída da esfera laboral.

Além disso, destacou-se, nos depoimentos dos entrevistados, a busca pela vivência de determinadas atividades no lazer, como as turísticas, que nem sempre lhes estiveram acessíveis ou lhes foram possíveis em outros momentos de suas vidas, haja vista a necessidade de trabalhar.

Houve, ainda, a ênfase na procura por atividades que pudessem lhes proporcionar alegria, prazer e satisfação, configurando-se como alternativas de diversão, distração ou de afastamento e variação da rotina de atividades (ou da falta dela) em suas residências.

“Porque a gente é aposentado. Chega em casa e não tem nada o quê fazer. [...] Então, a gente vem aqui passar um tempo.” (Arnaldo, GCI - Norte).

“Motivação justamente é isso, é o lazer. É o divertimento.” (Fabiano, GCI - Sul).

“É um pessoal que vai passear... Para sair um pouco, também. Para lazer, descansar um pouco...” (Vilson, GCI - Continente).

Tendo em vista que a sociedade contemporânea foi estruturada a partir da centralização da dimensão produtiva, fica claro que os valores associados ao trabalho são os que geralmente dão sentido e estruturam as demais esferas da vida das pessoas (Magnani, 2000). Isso se torna ainda mais evidente no caso dos homens, posto o papel social atribuído historicamente a eles como provedores do sustento familiar e representantes do âmbito laboral (Britto da Motta, 1999).

Dessa forma, o lazer, muitas vezes, é relegado a um segundo plano, quando as necessidades consideradas principais estiverem atendidas (Marcellino, Barbosa, & Mariano, 2006), podendo, até mesmo, ser postergado para depois da aposentadoria. Conforme explicam Rodrigues, & Rauth (2006), há muitas pessoas que "trabalharam para viver", as quais vivem a aposentadoria como uma recompensa pelo seu trabalho, percebendo-a como um tempo de liberdade, de desengajamento profissional, de realizações. Contraditoriamente, de acordo com os mesmos autores, também existem aqueles que "viveram para trabalhar", considerando a aposentadoria um tempo de inutilidade, de desvalorização social, de nostalgia. Em ambos os casos, há uma necessidade percebida de preenchimento do tempo, a qual se fez presente nos discursos dos homens idosos entrevistados na presente pesquisa.

A despeito dessa necessidade, o maior estímulo para a entrada nos GCI foi proveniente de fontes externas, principalmente de convite de conhecidos (colegas de trabalhos, familiares, amigos, vizinhos), que já participavam desses espaços. A partir disso, a possibilidade de resgatar e manter relações com pessoas que fizeram parte de seus círculos de interações sociais também se configurou como um motivo de ingresso ao grupo.

Ainda, a expectativa de ampliar as redes de relacionamentos por meio do conhecimento de outras pessoas e, inclusive, de construir novos laços de amizade, foi mencionada por alguns homens, caracterizando um pano de fundo para os demais interesses relativos à entrada nos GCI:

“É o fato de a gente estar se aposentando e continuar a manter contato com um grupo de pessoas amigas e até aumentar o número de pessoas de relacionamento.” (Paulo, GCI - Centro).

Dessa forma, os homens ingressam nos GCI em razão das suas diferentes motivações, formando uma unidade no seio da qual seus interesses se manifestam.

A combinação dos relatos dos entrevistados e dos registros dos momentos de estar junto nos encontros, por meio das observações, revelou que há, fundamentalmente, uma procura por diferentes maneiras de sociabilidade, nas quais os objetivos que impulsionaram a entrada nesses espaços darão lugar tão somente à satisfação proporcionada por estarem socializados (Simmel, 2006).

De acordo com Araújo (2004), em sua investigação com GCI, também em Florianópolis (SC), a escolha de idosos para viver em grupos apresenta-se mediante uma possibilidade de concretização de algo previamente definido, um bem que satisfará uma necessidade oriunda de desejos antes não realizados. A decisão de ingressar em grupos é resultado de seus interesses, vislumbrando-se, primordialmente, a felicidade, sentimento que juntamente com ações de estima, constrói e alimenta as relações de amizade.

Embora no contexto do lazer a procura pela convivência e pela felicidade não careça de justificativas (Marcellino, Barbosa, & Mariano, 2006), no caso dos homens idosos participantes deste estudo as buscas são decorrentes especialmente da diminuição dos contatos sociais marcada pela saída da vida produtiva. Contudo, em algumas situações, tais buscas também ocorrem em função da viuvez. Conforme explica Britto da Motta (1999, 2005), para os homens a viuvez é um fenômeno demográfico de baixa incidência, mesmo entre os idosos. Para além do cotidiano desestruturado que os homens passam a viver a partir da aposentadoria, aqueles que se tornam viúvos frequentemente encontram ainda mais dificuldades para reajustar as diferentes esferas de sua vida.

Ainda de acordo com essa autora, o sentimento de solidão e a falta de motivação que, muitas vezes, se instalam podem contribuir para o desencadeamento de um processo de resistência à participação em atividades grupais, notadamente naquelas em que há predominância de mulheres, como no contexto de GCI.

À luz dos resultados deste estudo, essa situação pode ser refletida considerando o estado civil dos 38 homens idosos. A maior parte deles (32) é casado ou está em uma união estável, sendo que suas esposas ou companheiras também são integrantes dos grupos que eles frequentam. Do mesmo modo com que foi observado na pesquisa de Mello, & Votre (2013), o homem idoso casado dificilmente se mantém em uma atividade grupal se sua cônjuge não estiver envolvida, configurando, assim, um aspecto possivelmente limitante para o desfrute do lazer de homens na terceira idade, caso suas parceiras não os acompanhem.

No presente estudo, o fato de os GCI do Centro e do Continente serem idealizados como grupos de casais, ao mesmo tempo em que possibilita a maior proporção de homens identificada nestes espaços (em comparação a outros grupos localizados na mesma Região) (Santos, & Marinho, 2014), limita a participação de homens viúvos ou divorciados (embora haja alguns nestes dois GCI), devido à prioridade de ingresso ser daqueles que são casados. Se o lazer é um direito social de todos os brasileiros (Brasil, 1988), é certo que os homens idosos viúvos também deveriam usufruir dos GCI como possibilidades de vivenciar diferentes conteúdos culturais do lazer que lá são desenvolvidos.

Nada obstante, não há como desconsiderar que, por vezes, sua condição conjugal se configure como uma barreira ao ingresso nesses espaços de convivência.

Reforçando tal barreira, a influência das mulheres (coordenadoras e familiares integrantes dos GCI, mas, sobretudo, das esposas), apresentou-se como a principal determinante para a entrada dos homens nos grupos (excetuando-se o GCI - Centro, no qual, tendo em vista sua peculiar característica de formação, o convite de colegas de trabalho foi decisivo para isso). Nesse sentido, aqueles que são viúvos ou divorciados têm uma forma de incentivo a menos. Os poucos homens entrevistados em tais situações explicaram que foram motivados por membros de sua família ou por convite de outros homens que já eram seus amigos e integravam o GCI:

“[...] O meu filho é que começou ´vai pai, vai... Vai ficar em casa fazendo o quê? [...] às vezes sai para se divertir, para passear [...]` [...] Aí resolvi vir.” (Alisson, GCI - Sul).

A influência das esposas/companheiras é estendida aos motivos de permanência de alguns homens nos GCI. No discurso deles, o interesse por acompanhá-las em suas atividades e em participar de momentos de lazer ao lado delas, emergiu como estímulo à continuidade no grupo, embora seja possível notar que as relações de amizade formadas e fortalecidas com outras pessoas também se fizeram presentes em suas falas:

“Na realidade, eu venho mais para acompanhá-la [sua esposa]. Porque ela vem sempre, eu fico sozinho em casa, aí eu venho junto. E pela amizade que a gente tem aqui com o pessoal.” (Arnaldo, GCI - Norte).

Durante o período de observações, conforme registros na matriz de observação sistemática e no diário de campo, foram presenciadas situações nas quais essa característica de acompanhar as esposas/companheiras nas atividades ficou evidente.

Em todos os grupos, os homens casados, ou que estão em uma união estável, na maioria das vezes, chegam e deixam o local das reuniões junto de suas esposas ou parceiras. Nos GCI das Regiões Norte, Sul e Leste, foi possível notar que os homens ficam mais próximos de suas esposas durante a maior parte do tempo. Alguns fazem questão de acariciá-las, enquanto jogam bingo ao lado delas; de buscar água ou servir seus lanches, por exemplo. Por outro lado, antes ou após esse jogo, foi comum observar os homens se apressando para cumprimentar e chegar mais perto de outros idosos do sexo masculino, trocando cumprimentos (abraços, beijos, apertos de mão) e conversas.

Em contrapartida, nos dois grupos formados por casais (GCI do Centro e do Continente), na maior parte dos momentos dos encontros, os homens procuram seus colegas do mesmo sexo para conversar, jogar e realizar atividades em espaços geralmente distantes dos ocupados pelas mulheres, possivelmente por suas próprias características de criação e formação que os colocam em mais evidência na representatividade destes grupos, em detrimento dos demais.

Apesar destes dois últimos casos, de forma geral, é possível dizer que em locais conhecidos pela presença expressiva de mulheres, parece serem elas mesmas as facilitadoras, ou não, da participação masculina.

Ainda que as atividades desenvolvidas nos cinco GCI investigados nem sempre tenham atendido às preferências de todos os homens e não se diferenciem muito das vivências oportunizadas em outros grupos de Florianópolis (SC) (Araújo, 2004; Lopes, 2012; Rollin, 1998), a maior expressão da participação dos homens nos espaços investigados pode, em partes (especialmente no momento de ingresso), ser atribuída ao incentivo das mulheres integrantes.

Os motivos de permanência dos homens ora entrevistados parecem, todavia, ultrapassar as fontes de estímulo das mulheres para o ingresso, ganhando novos sentidos e incentivos. Conforme Maffesoli (2010), a casualidade ou o utilitarismo não podem, sozinhos, explicar a propensão a se associar a um grupo. Apesar dos interesses particulares das pessoas e das circunstâncias que determinam a entrada em um grupo, há um “cimento” que garante a continuidade das relações sociais, expresso pelo autor como o sentimento compartilhado.

Dentre os homens (19) que mencionaram o estímulo/convite de suas esposas/companheiras ou de mulheres coordenadoras/integrantes dos grupos como motivo de ingresso, poucos (4) foram aqueles que as apontaram entre os motivos de permanência. Estes quatro homens, ainda, associaram a influência da esposa com outros motivos para continuarem no grupo.

Dessa forma, nos cinco espaços pesquisados, as amizades construídas e mantidas por meio da convivência nos grupos foram mencionadas pelos homens como o principal motivo para a continuidade nestes locais. Assim, se nem sempre a sociabilidade foi explicitada entre os motivos de ingresso, dentre os motivos de permanência ela assumiu posição central.

“[...] Porque o pessoal me tratava bem aqui. Assim que eu cheguei aqui no grupo eles me trataram bem, eles me queriam bem mesmo. E até hoje. [...] Continuo participando porque eu gosto. Gosto mesmo de estar no grupo.”
(Leonidas, GCI - Sul).

Britto da Motta (1999) considera que os GCI, ao menos inicialmente, instituem uma sociabilidade dirigida, fazendo com que os idosos tenham que conviver não com quem escolheram, mas, sim, com quem lhes foi apresentado. Entretanto, no dinamismo das relações sociais, o terreno da sociabilidade propicia encontros que podem gerar outras formas de convivência, remontando, ainda que pontualmente, à sociabilidade “pura”, como a camaradagem e a amizade. Desse modo, ainda quando não intencionalmente, por força da sua ação de reunir pessoas, os GCI facilitam o exercício de diferentes formas de sociabilidade.

No interstício dessas possibilidades de relações, muitos homens também continuam participando dos GCI porque se sentem satisfeitos, a partir da identificação não apenas com as pessoas, mas, igualmente, com algumas ou com todas as atividades que lá são desenvolvidas, característica comum em iniciativas de esporte e lazer, conforme verificado nas pesquisas de Goellner, Votre, Mourão, & Figueira (2009); e Mello, & Votre (2013). No caminho das preferências similares dos homens, certas vivências no lazer desenvolvidas nos GCI facilitam as redes de sociabilidade tecidas nesses locais. O gosto por jogos de cartas ou dominó, por exemplo, favorece a aglutinação deles em determinados espaços. Todavia, mesmo que alguns não gostem muito dos jogos, é comum participarem das redes formadas, seja observando, comentando, ou se aproximando, ficando clara a presença da necessidade de interação social. Dessa forma, o lazer institui-se como agente promotor da sociabilidade.

Nessas inter-relações, os laços construídos e fortalecidos são vistos pelos homens idosos como tendo grande importância para suas vidas, conferindo um efeito singular na significação do grupo e impactando, até mesmo, percepções mais positivas de saúde e de qualidade de vida. O carinho e a atenção com o outro; as risadas e as brincadeiras; os momentos de lazer e de alegria compartilhados foram alguns dos exemplos identificados nas entrevistas que se apresentaram como possibilidades de ressignificação da vida:

“Tem muita gente aqui que é amigo da gente. Vem cá, abraça um, beija outro... Isso faz bem.” (Arnaldo, GCI - Norte).

As entrevistas e as observações mostraram que os homens idosos praticam e apreciam contatos mais próximos, mais “táteis”. Debert (2013) aponta que, para os homens, reprimir as emoções é uma condição para que eles possam exercer o papel que lhes é esperado na sociedade: provedor, protetor, criador. No entanto, parece que, na terceira idade, esse *ethos* masculino é modificado, haja vista as próprias mudanças na vida social dos homens. Neste sentido, as constatações do presente estudo vão de encontro aos estereótipos culturais que negam aos homens a possibilidade de relações mais intensas, emotivas, sensíveis, táteis.

Os homens investigados revelaram que estimam muito a relação agradável com o outro; contudo, “toda a harmonia contém uma dose de conflito” (Maffesoli, 2010, p. 203). Foram observados momentos de tensões e conflitos perpassados pelas atividades desenvolvidas. Por mais que os GCI possibilitem a união entre os participantes, os desentendimentos existem, sendo que, paradoxalmente, muitas vezes fortalecem o grupo.

Os dados referentes ao tempo de permanência nos GCI mostram que os homens idosos efetivamente se integraram a esses locais, pois a maior parte deles participa do grupo desde a sua fundação ou o frequenta há mais de cinco anos. Entretanto, também há homens que ingressaram em algum dos grupos há alguns meses ou há um, dois ou três anos. Esses resultados permitem rever a ideia de que homens idosos não participam de formas associativas - aqui particularmente de GCI - ou a visão de que o aposentado é aquele que vestiu o pijama e só quer ficar em casa. Ademais, também possibilitam questionar as explicações sobre a participação diminuta dos homens tão somente porque, em média, eles vivem menos do que as mulheres (Debert, 2013).

A experiência de interações proporcionada nos grupos é tão valorizada pelos homens a ponto de muitos caracterizarem o GCI como uma família. Nessa direção, ao falarem sobre o significado dos GCI em suas vidas, esses espaços ganharam sentidos de convivência; de aumentar os contatos sociais; de estar junto com o outro; de compartilhar momentos prazerosos por meio da vivência de atividades no lazer; e, principalmente, de formação e fortalecimento de amizades; de trocas de afeto.

A noção dos grupos como espaços de lazer - especialmente em uma perspectiva de entendimento do fenômeno mais restrita e funcionalista (Marcellino, 1987) - (diversão, descontração, ocupação do tempo, prática de atividades, distanciamento das tensões e rotina cotidiana) ou como espaços que contribuem para a saúde do idoso e como forma de motivação para continuar vivendo, também emergiu das entrevistas:

“[...] significa muito. A amizade que a gente tem um pelo outro, isso é maravilhoso. [...] Isso traz para a gente muito benefício. É saúde para nós. [...] É poder estar participando de um grupo em que a gente brinca, joga, ri. [...]” (Osnildo, GCI - Centro).

“Significa, para mim, uma família. Basta que chegue toda quinta-feira já chego conversando com eles, abraçando, beijando, conversando. E quando se troca um beijo com uma pessoa, aquilo ali está se sabendo que é um carinho, é amizade que a gente está pegando com as pessoas. [...]” (Leonidas, GCI - Sul).

A partir desses significados, relatados pelos homens, eles até mesmo atribuíram aos GCI sentidos de totalidade em suas vidas. Dessa forma, tornou-se evidente a importância que esses espaços de convivência têm para os investigados.

Corroborando com esses achados, no estudo de Vargas, e Portella (2013), realizado em um GCI do município de Alegrete (RS), com quantidade absoluta maior de homens do que de mulheres, os autores identificaram que os homens percebem o grupo como possibilidade de melhorias no seu dia a dia, influenciadas principalmente pelas relações sociais vivenciadas durante as atividades no lazer, tornando-se evidente o significado positivo do grupo em suas vidas, vistos os relatos de maior sensação de bem-estar e satisfação pessoal.

Por sua vez, no presente trabalho, embora os cinco GCI investigados apresentem predominância de mulheres, evidenciou-se que os homens também participam dessas possibilidades associativas, desfrutando das vivências no lazer desenvolvidas e das oportunidades de sociabilidade, relacionando-se a múltiplos significados positivos na vida desses homens.

Considerações Finais

Constatou-se que homens idosos participantes de cinco GCI em Florianópolis (SC) buscam esses espaços a partir de estímulos e interesses diversos, mas com destaque para a influência de esposas/companheiras e da busca por preenchimento do tempo "livre", vivência de atividades no lazer e relações sociais. Contudo, os motivos de permanência estão centrados nas amizades recuperadas e construídas, especialmente com outros homens. Nas relações que eles estabelecem com os demais integrantes dos GCI, ficou clara a presença de contatos mais próximos, "táteis" e sensíveis, bem como a valorização de relações amigáveis. Tais relações relacionaram-se aos múltiplos significados positivos que eles atribuíram a sua participação nos GCI de forma geral, como a amizade, a saúde para suas vidas, a alegria, o afeto e outros.

Dessa forma, os GCI estudados, especialmente mediados pelas atividades no lazer desenvolvidas nesses contextos, podem abrir novas possibilidades de encontro também para homens idosos, fazendo surgir redes de sociabilidade que, muitas vezes, contribuem para o sentido de plenitude na terceira idade.

Tendo em vista a carência de pesquisas com essa população, sugere-se a expansão desta investigação para outros GCI de Florianópolis (SC), para outras cidades brasileiras, bem como a ampliação do tempo de observações nos encontros dos GCI, possibilitando avançar nas discussões até então desenvolvidas neste estudo.

Referências

- Araújo, V.N.F. (2004). *Os coordenadores de grupos de convivência de idosos como facilitadores da construção da cidadania*. Dissertação de mestrado. Florianópolis (SC): Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa (Portugal): Edições 70.
- Borini, M.L.O. (2002). *A saída do fundo do poço: Representações sociais acerca da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade*. Dissertação de mestrado. Campinas (SP): Faculdade de Ciências Médicas. Unicamp.
- Brasil. (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília (DF): Brasil. Recuperado em 20 agosto, 2013, de: <http://www.presidencia.gov.br/legislacao>.
- Brasil. (1994). *Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências*. Brasília (DF): Diário Oficial da República Federativa do Brasil.
- Britto da Motta, A. (1999). *“Não tá morto quem peleia”: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos*. Tese de doutorado. Salvador (BA): Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia.
- Britto da Motta, A. (2005). Viúvas: o mistério da ausência. Porto Alegre (RS): *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 7, 7-24.
- Brod, A. (2004). *Políticas públicas de lazer para os idosos na região do Vale do Taquari: um estudo descritivo dos grupos de convivência e bailes da terceira idade*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Camarano, A.A., Kanso, S., & Mello, J.L. (2004). Como vive o idoso brasileiro? In: Camarano, A.A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*, 25-73. Rio de Janeiro (RJ): IPEA.
- Debert, G.G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo (SP): EDUSP.
- Debert, G.G. (2013). Feminismo e velhice. Rio de Janeiro (RJ): *Sinais Sociais*, 8(22), 15-38.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. Curitiba (PR): *Educar*, 24, 213-225.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo (SP): Atlas.
- Goellner, S.V., Votre, S.J., Mourão, L., & Figueira, M.L.M. (2009). *Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer*. Porto Alegre (RS): Ministério do Esporte; Gráfica da UFRGS.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2011). *Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios - Resultado do universo*. Rio de Janeiro (RJ): IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2013). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2013*. Rio de Janeiro (RJ): IBGE.
- Kist, R.B.B. (2011). *Os grupos de convivência em Porto Alegre e sua contribuição à garantia de direitos e à autonomia de homens e mulheres idosos: uma aproximação com os centros de idosos em Barcelona*. Tese de doutorado. Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Lakatos, E.M., & Marconi, M.A. (2007). *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis*. São Paulo (SP): Atlas.

Lopes, M.A. (2012). *Pessoas longevas e atividade física: fatores que influenciam a prática*. Tese de doutorado. Florianópolis (SC): Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina.

Maffesoli, M. (2010). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária.

Magnani, J.G.C. (2000). Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: Brhuns, H.T., & Gutierrez, G.L. (Orgs.). *O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*, 19-33. Campinas (SP): Autores Associados.

Marcellino, N.C., Barbosa, F.S., & Mariano, H.S. (2006). A cidade e os acessos aos espaços e equipamentos de lazer. Piracicaba (SP): *Impulso*, 17(44), 55-66.

Marcellino, N.C. (1987). *Lazer e educação*. Campinas (SP): Papyrus.

Marconi, M.A., & Lakatos, E.M. (2007). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação dos dados*. São Paulo (SP): Atlas.

Mazo, G.Z. (2003). *Atividade física e qualidade de vida de mulheres idosas*. Dissertação de doutoramento. Porto (Portugal): Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto.

Mazo, G.Z., Lopes, M.A., & Benedetti, T.B. (2009). *Atividade física e o idoso: concepção gerontológica*. Porto Alegre (RS): Sulina.

Mello, J.G., & Votre, S.J. (2013). Fatores que interferem na participação de homens idosos em programas de esporte e lazer. Goiânia (GO): *Pensar a Prática*, 16(4), 956-1270.

Minayo, M.C.S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo (SP): Hucitec.

Minayo, M.C.S. (2012). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: _____ *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, 61-77. Petrópolis (RJ): Vozes.

Rodrigues, N.C., & Rauth, J. (2006). Os desafios do envelhecimento no Brasil. In: Freitas, E.V. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*, 186-192. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.

Rollin, I.S. (1998). *Grupos de convivência para terceira idade: uma busca do sentido de ser e de existir*. Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis (SC): Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

Santos, P.M., & Marinho, A. (2014). Participação de homens e mulheres em grupos de convivência para idosos em Florianópolis (SC). In: *Encontro Catarinense de Gerontologia*, 6. Anais. Florianópolis (SC): Associação Nacional de Gerontologia de Santa Catarina - ANG/SC.

Silva, G.M.L., Caminha, I.O., & Gomes, I.S. (2013). O corpo e o tempo: a percepção dos idosos de um grupo de convivência. Goiânia (GO): *Pensar a Prática*, 16(4), 1081-1097.

Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar.

Vargas, A.C., & Portella, M.R. (2013). O diferencial de um grupo de convivência: equilíbrio e proporcionalidade entre os gêneros. São Paulo (SP): *Revista Kairós Gerontologia*, 16(2), 227-238. URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/18546/13733>.

Recebido em 13/06/2015

Aceito em 30/09/2015

Priscila Mari dos Santos - Mestre em Educação Física (UFSC). Integrante do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física da Universidade do Estado de Santa Catarina (LAPLAF/UDESC/CNPq).

E-mail: priscilamarisantos@hotmail.com

Alcyane Marinho - Doutora em Educação Física (UNICAMP). Professora Adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Desportos (CDS) da UFSC. Líder do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física da UDESC (LAPLAF/UDESC/CNPq).

E-mail: alcyane.marinho@hotmail.com

Giovana Zarpellon Mazo - Doutora em Ciências do Desporto (Universidade do Porto, Portugal). Professora Adjunta da UDESC, no CEFID. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano do CEFID/UDESC.

E-mail: gzmazo@gmail.com

Tânia Rosane Bertoldo Benedetti - Doutora em Enfermagem (UFSC). Professora Adjunta da UFSC, no CDS. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do CDS/UFSC.

E-mail: taniabertoldobenedetti@gmail.com

Cíntia de la Rocha Freitas - Doutora em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professora Adjunta da UFSC, no CDS. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do CDS/UFSC.

E-mail: cintiadelarocha@gmail.com